



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

VIDA COTIDIANA, FORMAÇÃO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL – UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA PARA O RECONHECIMENTO E ENFRENTAMENTO DO CONSERVADORISMO NO INTERIOR DO SERVIÇO SOCIAL

Laryssa Danielly Silva Fernandes¹
Islânia Lima da Rocha²

Resumo: O estudo traz a discussão do pragmatismo e imediatismo que se expressam na profissão como particularidade da categoria Vida Cotidiana, sendo um espaço de concepções conservadoras no interior do serviço social. Nesse contexto, é possível relacionar a qualificação da formação e exercício profissional com a intensificação desse conhecimento nos espaços democráticos na categoria profissional.

Palavras-chave: Vida Cotidiana; Pragmatismo; Serviço Social; Formação Profissional.

Abstract: The study brings the discussion of pragmatism and immediacy expressed in the profession as a particularity of the category Everyday Life, being a space of conservative conceptions within the social service. In this context, it is possible to relate the qualification of the professional training and exercise with the intensification of this knowledge in the democratic spaces in the professional category.

Keywords: Daily Life; Pragmatism; Social Service; Professional Qualification.

I Introdução

A reflexão desenvolvida neste trabalho possibilita a compreensão da categoria vida cotidiana como espaço de produção e reprodução do ser social em qualquer tempo histórico, de modo insuprimível e ineliminável.

É no cotidiano que o homem põe em movimento suas forças, paixões e as diferentes atividades que lhe são inerentes, conferindo sua característica heterogênea e ao mesmo tempo hierárquica, pois, à medida que o homem desenvolve suas potencialidades históricas por meio do trabalho (relação entre o homem e a natureza), também promove o desenvolvimento econômico-social.

A estrutura da vida cotidiana compreende uma imediaticidade, numa relação direta de pensamento e ação, sendo a gênese para o automatismo e o espontaneísmo. Essa dinâmica acarreta um tendencial pragmatismo, processo em que são atribuídas respostas superficiais para cada situação precisa. Por isso é necessária uma crítica a partir da

¹ Profissional de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, E-mail: laryssadsfernandes@outlook.com.

² Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal de Alagoas, E-mail: laryssadsfernandes@outlook.com.

perspectiva de totalidade, possibilitando um avanço na interpretação da realidade e o entendimento da imediaticidade da vida social.

Diante disso, podemos compreender que o conservadorismo dá-se tendencialmente no pragmatismo e na imediaticidade cotidiana, constituindo-se, segundo Netto (1994), no plano do pensamento. Podemos enfatizar que esse caráter conservador se funda no abandono das dimensões econômico-políticas e históricas da vida social, ou seja, ausência da compreensão da totalidade em que o ser social está inserido onde se desenvolve em seu cotidiano historicamente, ou seja, o caráter conservador condiciona a falta de compreensão da realidade na qual o profissional está inserido, fazendo-o reproduzir o mesmo pragmatismo que essencialmente está contido no cotidiano.

Ao tratar da relação do conservadorismo no cotidiano da profissão, destacam-se os processos sociais vivenciados na atual conjuntura que envolve a expansão do ensino superior de forma aligeirada e fragilizada, bem como a intervenção nas expressões da questão social de modo meramente imediatista. O que exige pensar estratégias de enfrentamento por meio dos avanços realizados sobre a obra de Marx que impactam na definição de uma direção social crítica para a profissão.

Nesse contexto, torna-se urgente esta reflexão e suas implicações cotidianas na profissão, expondo a necessidade de incorporar esse conhecimento nos espaços democráticos de debates e construção de ideias, como uma forma de possibilitar o acesso ao conhecimento e assim distanciar as práticas pragmáticas e imediatistas no interior da profissão.

II A relação da categoria Vida Cotidiana com a formação e o exercício profissional do Assistente Social

A vida cotidiana expressa por Heller como a vida de todo homem (1970, p. 17) perpassa todo o solo ontológico do ser social, como algo constituído por ele, mas que toma proporção tal que passa a dominar e determinar o estabelecimento das suas relações de produção e reprodução social. É, portanto, uma categoria insuprimível, ou seja, enquanto espaço de constituição, produção e reprodução do ser social, a vida cotidiana é ineliminável.

Enquanto produto das relações humanas “não há sociedade sem cotidianidade como também não há homem sem vida cotidiana” (NETTO, 1994, p. 66). Assim, Agnes Heller (1970) afirma que:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém

consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica³ a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. (HELLER, 1970, p. 17).

De acordo com Netto (1994), em toda sociedade existe e se põe a cotidianidade e em cada uma delas a “estrutura da vida cotidiana é distinta quanto ao seu âmbito, aos seus ritmos e regularidades e aos comportamentos diferenciados dos sujeitos coletivos”. Logo, a vida cotidiana explicita a sua “insuprimibilidade” e não se mantém como algo desligado da história. “O cotidiano não se desloca do histórico – antes, é um dos seus níveis constitutivos: o nível em que a reprodução social se realiza na reprodução dos indivíduos enquanto tais” (NETTO, 1994, p. 66).

Embora a cotidianidade seja um espaço de constituição da individualidade⁴, nela colocam-se em prática todas as capacidades intelectuais do homem, além dos seus sentimentos, paixões e ideologias, porém se torna impossível vivê-los com toda intensidade, por isso Heller (1970, p. 17) afirma que: “O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso não pode aguçá-los em toda a sua intensidade”.

Na concepção de Heller (1970), a vida cotidiana é, de modo geral, heterogênea, todos que a vivem são absorvidos pela sua heterogeneidade.⁵ São partes orgânicas da vida cotidiana: “organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (HELLER, 1970, p. 18). Assim, compreende-se que a vida cotidiana é heterogênea e igualmente hierárquica, sendo esta hierarquia fruto das modificações em função das “diferentes estruturas econômico-sociais”, logo, não é eterna nem imutável. Por exemplo, “nos tempos pré-históricos, o trabalho ocupou um lugar dominante nessa hierarquia”, a qual se manteve por muito tempo, especialmente na vida de parte da classe trabalhadora, como os servos. Dessa maneira, “toda a vida cotidiana se constituía em torno da organização do trabalho”, subordinando a si todas as outras formas de atividade. Heller (1970, p. 17) menciona em sua obra que:

A heterogeneidade e a ordem hierárquica (que é condição de organicidade) da vida cotidiana coincidem no sentido de possibilitar uma explicitação 'normal' da produção e da reprodução, não apenas no 'campo da produção' em sentido estrito, mas também no que se refere às formas de intercâmbio. A heterogeneidade é imprescindível para conseguir essa 'explicitação normal' da cotidianidade; e esse

³ De acordo com Heller (1970, p. 21), é possível considerar como atividades humano-genéricas, em sua maioria, os sentimentos e paixões, pois sua existência e seu conteúdo podem ser úteis para expressar e transmitir a substância humana.

⁴ “A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade” (HELLER, 1970, p. 17).

⁵ “[...] e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e a significação ou importância de nossos tipos de atividade” (HELLER, 1970, p. 18).

funcionamento rotineiro da hierarquia espontânea é igualmente necessário para que as esferas heterogêneas se mantenham em movimento simultâneo.

Para Heller, o ser social já nasce inserido na cotidianidade, e vai construindo as estratégias para se reproduzir neste meio, de modo a responder aos seus estímulos para sobreviver. “O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (HELLER, 1970, p. 18). Portanto, o ser social é um ser que responde, para com isso garantir a sua reprodução e sobrevivência.

A autora supracitada identifica em sua obra que “a assimilação da manipulação das coisas⁶ é sinônimo de assimilação das relações sociais”. Isso significa dizer que o sujeito é influenciado pelas relações sociais existentes, que vão desde a assimilação da manipulação das coisas até o momento de submissão ao poder da natureza, e esse espaço de assimilação na cotidianidade começa sempre por grupos⁷, estabelecendo uma ligação do indivíduo com os costumes, normas e éticas vividas (HELLER, 1970, p.19).

No processo de reprodução do ser social, Heller (1970) identifica que “A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico”⁸ e a dinâmica básica para a compreensão dessa particularidade é a satisfação das necessidades humanas, de modo consciente e individual (HELLER, 1970, p. 20).

As necessidades humanas tornam-se conscientes, no indivíduo, sempre sob a forma de necessidades do Eu. O ‘Eu’ tem fome, sente dores (físicas ou psíquicas); no ‘Eu’ nascem os afetos e paixões. A dinâmica básica da particularidade individual humana é a satisfação dessas necessidades do ‘Eu’. (HELLER, 1970, p. 20).

De acordo com a autora, as características dessa particularidade social (ser particular e ser genérico) estão na “unicidade e irrepetibilidade”. Heller menciona-os como fatos ontológicos fundamentais, pois o único e irrepetível se baseiam na assimilação (contém em cada caso algo de momento irreduzível e único) da realidade social dada e, ao mesmo tempo, das capacidades dadas e a manipulação das coisas (HELLER, 1970, p. 20, grifo da autora).

A partir desses pressupostos, falar sobre a vida cotidiana como espaço de constituição e reprodução do ser social faz-se necessário expor suas determinações

⁶ Segundo Heller, “O adulto deve dominar, antes de mais nada, a manipulação das coisas (das coisas, certamente, que são imprescindíveis para a vida da cotidianidade em questão). Deve aprender a segurar o copo e a beber no mesmo, a utilizar o garfo e a faca, para citar os exemplos mais triviais” (HELLER, 1970, p.19).

⁷ Segundo Agnes Heller, são grupos que compõem o dia-a-dia, como a família, escola e pequenas comunidades.

⁸ Heller (1970, p. 21) afirma que o genérico está contido em todo homem e, mais precisamente, em toda atividade que tenha caráter genérico, embora seus motivos sejam particulares.

fundamentais que, de acordo com Lukács (apud NETTO, 1994, p. 67), são: a *Heterogeneidade*: a vida cotidiana configura as diferentes estruturas que compõem as objetivações do ser social. Esse caráter singular constitui um espaço em que se “movimentam fenômenos e processos de natureza compósita (linguagem, trabalho, interação, jogo, vida política e vida privada)”; a *Imediatividade*: significa que a ação do homem em dar respostas ativamente “é a relação direta entre pensamento e ação”, “padrão de comportamento” na vida cotidiana, como uma conduta específica e imediata, sendo a gênese para o “automatismo” e o “espontaneísmo”, inerentes à vida do homem; a *Superficialidade extensiva*: o cotidiano mobiliza em cada ser social todas as atenções e todas as forças, mas não em sua total intensidade; desse modo, o somatório da heterogeneidade e da imediatividade implicam em respostas superficiais para cada situação precisa.

Para Netto “estes componentes ontológico-estruturais da vida cotidiana ganham importância primária, na escala em que, segundo Lukács, a vida cotidiana é o alfa e o ômega da existência de todo e cada indivíduo. Nenhuma existência individual cancela a cotidianidade” (NETTO, 1994, p. 67-68), visto que esta impõe aos indivíduos um padrão de comportamento que apresenta modos típicos de realização, com características específicas, expressando-se num “materialismo espontâneo e num tendencial pragmático”. Desse modo,

Os constrangimentos da dinâmica cotidiana exigem que os indivíduos respondam a eles sem pôr em causa a sua objetividade material [...]. A mesma dinâmica requisita dos indivíduos respostas funcionais às situações, que não demandam o seu conhecimento interno, mas tão-somente a manipulação de variáveis para a consecução de resultados eficazes. (NETTO, 1994, p. 68).

Netto esclarece que a vida cotidiana e suas determinações fazem com que cada indivíduo só se perceba como um ser singular. Assim:

A vida cotidiana não equivale à vida privada, mas à vida equacionada a partir da perspectiva estrita da singularidade [...] a heterogeneidade própria à vida cotidiana tenciona o indivíduo de forma abrangente, faz com que ele atue como uma unidade. Ele opera como um todo: atua nas suas objetivações cotidianas, como um homem inteiro – mas sempre no âmbito da singularidade. (NETTO, 1994, p. 68-69).

Diante disso, como é possível suspender a heterogeneidade e a singularidade da vida cotidiana? De acordo com Netto (1994, p. 69) esta mobilização de superação da singularidade corresponde à suspensão da heterogeneidade da vida cotidiana, a qual torna semelhantes todas as faculdades dos indivíduos e as direciona num projeto em que “transcende a sua singularidade numa objetivação na qual se reconhece como portador da

consciência humano-genérica”.⁹ Nesta rápida suspensão, o indivíduo se comporta como inteiramente homem¹⁰ e se reconhece como particularidade, espaço de mediação entre o singular e o universal.

Ora, para ter acesso à consciência humano-genérica, é necessário que o indivíduo supere a singularidade e coloque em prática toda a sua força numa objetivação duradoura, menos instrumental, menos imediata.

Para compreender melhor quais são os procedimentos que suspendem a cotidianidade, Netto (1994) comenta que:

De acordo com Lukács, há três formas privilegiadas de objetivação nas quais os procedimentos homogeneizadores superam a cotidianidade: o trabalho criador, a arte e a ciência. Estas três objetivações mais altas constituem esferas que se destacaram das objetivações cotidianas graças a um longo processo histórico de complexa diferenciação, adquirindo autonomia e legalidade próprias – processo que, em si mesmo, é o da constituição do ser social. (NETTO, 1994, p. 70).

Embora essas três objetivações sejam capazes de suspender o cotidiano, não são capazes de romper com a cotidianidade, pois, como já foi mencionado anteriormente, ela é insuprimível e ineliminável. Portanto, caracterizam-se como suspensões e permitem aos indivíduos o acesso à consciência humano-genérica, de forma que não poderá ser contínua, pois estabelece um circuito de retorno à cotidianidade. Porém, ao retornar a vida cotidiana, o indivíduo se comporta diferencialmente, pois percebe a cotidianidade como “espaço compulsório de humanização (de enriquecimento e ampliação do ser social)” (NETTO, 1994, p.70), ou seja, é indispensável tal percepção para um processo de autoinstrução do indivíduo.

Netto (1994) expressa que:

Está contida aqui, nitidamente, uma dialética de tensões: o retorno à cotidianidade após uma suspensão (seja criativa, seja fruidora) supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, educado (justamente porque se alçou à consciência humano-genérica); a vida cotidiana permanece ineliminável e inultrapassável, mas o sujeito que a ela regressa está modificado. A dialética cotidianidade/suspensão é a dialética da processualidade da constituição e do desenvolvimento do ser social. (NETTO, 1994, p. 70-71).

Ao suspender o cotidiano, os indivíduos se percebem como “seres humano-genéricos” e diante do retorno à cotidianidade compreendem a realidade com mais efetividade, sendo capazes de aprimorar a assimilação da vida cotidiana e das demais relações sociais que os envolvem. A vida cotidiana contém na sua objetividade heterogênea

⁹ De acordo com Agnes Heller (1970), o homem é capaz de se tornar humano-genérico quando se forma a sua “consciência de nós”.

¹⁰ Netto (1994, p. 69) expressa que na vida cotidiana o indivíduo é um homem inteiro; nas suspensões ele se torna inteiramente homem, no primeiro caso, a singularidade, mesmo nas determinações humano-genéricas, permanece inultrapassada; no segundo, supera-se na particularidade.

todos os componentes para a sua suspensão, a ciência, a arte e o trabalho estão postas na mesma realidade, porém jazem no espaço que Marx assinalou como o metabolismo entre sociedade e natureza.¹¹

De acordo com Netto (1994, p.72), “[...] não se legitima a análise da vida cotidiana senão quando se superam as balizas do pensamento cotidiano [...]”, isto quer dizer que o tratamento consequente da vida cotidiana requer a anulação de procedimentos costumeiros vividos na cotidianidade a fim de compreender essencialmente suas determinações. Nesse sentido, de acordo com Netto (1994):

[...] o que está em causa é o largo espectro de posturas positivistas e neopositivistas, fundamentadas na recepção da objetividade imediata dos processos e fenômenos sociais como sendo a sua realidade estrutural. Mesmo que veladas por sofisticções formalistas (metodologistas, epistemologistas), estas posturas não rompem com a faticidade empírica que se dá a imediaticidade da vida cotidiana. O tratamento positivista e neopositivista da cotidianidade consagra a sua imediaticidade como instância de verificabilidade e controle das formulações abstratas [...] identificando na objetividade dada imediatamente a concreção da realidade. (NETTO, 1994, p. 72).

Tais determinações apresentadas por Netto (1994, p. 73) consistem “na concepção da faticidade imediata como a fronteira logicizável do pensamento”, ou seja, a compreensão do cotidiano através de formas lógicas, “que só o repõem no plano do pensamento” caracteriza uma falsa reflexão acerca da sua estrutura. Por isso, Netto identifica que as posturas positivistas, fundamentadas na imediaticidade como sua “realidade estrutural”, não rompem com a “faticidade empírica” (determinação da realidade por meio das experiências vividas) em que se objetiva a vida cotidiana.

Posto isto, o autor propõe que o tratamento consequente da vida cotidiana está na postura teórico-metodológica:

Trata-se de uma postura teórico-metodológica *stricto sensu*: o método não é um componente alienável da teoria. Ele não se forja, também, independentemente do objeto que se pesquisa – é uma relação necessária pela qual o sujeito que investiga pode reproduzir intelectualmente o processo do objeto investigado, para apanhar o movimento constitutivo do ser social – e a reprodução intelectual deste configura a base da teoria mesma. (NETTO, 1994, p. 75, grifo do autor).

Inaugurada com a obra marxiana, tal postura rompe com o faticismo através da análise, segundo Netto (1994, p. 75), “histórico-sistemática dos processos sociais”, colocando o homem como “ser prático e social” que se produz e reproduz através de suas objetivações por meio da sua relação com a natureza. Desse modo, a soma da postura teórico-metodológica e da recuperação crítica dos “instrumentos teóricos acumulados no bojo da herança cultural da humanidade” acarreta uma perspectiva da totalidade da vida

¹¹ De acordo com Marx (2013), este metabolismo está relacionado ao trabalho e seus complexos sociais.

cotidiana, por meio de um circuito investigativo avançando da faticidade empírica, investigando sua gênese e desenvolvimento histórico, podendo assim reconstruir no plano do pensamento todo este processo.

Para tanto, é imprescindível o apelo a uma postura teórico-metodológica como uma alternativa para o tratamento consequente da vida cotidiana, de forma crítica, para uma compreensão da totalidade da realidade social, a partir das categorias centrais de Marx.¹²

Diante disso, a partir de todas as abordagens elucidadas, é possível compreender a vida cotidiana como a vida de todos os homens num espaço de produção e reprodução do ser social. Como afirmam Rocha e Santos (2007, p. 34): “é neste solo ontológico que os homens produzem e reproduzem-se a si mesmos e à sociedade mediante atos que vão do trabalho às demais atividades das práxis humana”.

Em suma, mediante a complexidade da sua estrutura, baseada no agir tendencialmente pragmático e imediato, o homem, ao se desenvolver nas instâncias econômico-sociais, principalmente, sob o controle da organização própria do capitalismo, desenvolve ideologias e pensamentos considerados conservadores. Esse pensamento conservador é potencializado pela ausência da perspectiva de totalidade em que o homem está inserido. É nesse sentido que o conservadorismo se legitima no cotidiano das relações sociais.

Faz-se necessário ressaltar que o Serviço Social exige essencialmente uma dimensão política na sua intervenção profissional, por estar intrínseco no seu cotidiano a relação contraditória entre capital e trabalho, reforçando que não há neutralidade na ação profissional, buscando atender minimamente aos interesses da classe trabalhadora e na luta pela manutenção dos direitos socialmente conquistados na sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que garante as condições da manutenção da classe dominante no poder.

É importante reforçar que o próprio cotidiano, enquanto algo ineliminável na vida do homem, impõe suas características fundamentais aos indivíduos, e, portanto, às profissões. Assim, reafirma-se no serviço social o tendencial pragmatismo cotidiano, com uma relação direta entre pensamento e ação, sendo a gênese para o automatismo e o espontaneísmo que vão se expressar nas ações profissionais. Nesse sentido, a prática profissional não deixa de ser tecnicista e pragmática pela absorção de uma nova perspectiva teórica, porém a suspensão do cotidiano no exercício profissional do Assistente Social torna-se essencial no sentido de refletir suas ações de forma crítica, ultrapassando esse tendencial pragmático e imediato.

Guerra (2009) afirma que é exigido do assistente social um sólido referencial teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo que permita uma análise crítica da realidade

¹² Ver Netto (1994, p. 79).

para que sirva de referência para a atuação profissional e o desmascaramento das expressões da “questão social”, a fim de servir como uma estratégia que orienta e instrumentaliza a ação profissional, com o propósito de alcançar o atendimento das demandas para além do imediatismo. Desse modo, a formação e o exercício profissional têm como desafio a capacidade de decifrar a realidade e construir propostas de trabalho criativas, efetivando direitos a partir das demandas emergentes no cotidiano.

A compreensão crítica, investigação e a pesquisa se tornam-se indispensáveis para alcançar estratégias de enfrentamento, bem como o aprimoramento intelectual que é essencial na intervenção profissional, para compreender e desmistificar as bases cotidianas de caráter heterogêneo, imediato e superficial que norteiam a vida na sociedade capitalista.

Nesse sentido, a discussão sobre a formação profissional insere-se como premissa para o ponto-chave que norteia a discussão do enfrentamento do conservadorismo para o Serviço Social. Segundo Iamamoto (2008), a formação profissional não deve ser compreendida somente em relação ao título do assistente social para corresponder à sua necessidade voltada ao mercado de trabalho; ao contrário, “trata-se de *preparar cientificamente quadros profissionais capazes de responder às exigências de um projeto profissional coletivamente construído e historicamente situado*” (IAMAMOTO, 2008, p. 163, grifos da autora).

Segundo a autora:

Estas considerações remetem à formação de profissionais qualificados para investigar e produzir conhecimentos sobre o campo que circunscreve sua prática, de reconhecer seu espaço ocupacional no contexto mais amplo da realidade sócio-econômica e política do país e no quadro geral das profissões. Formar profissionais habilitados teórica e metodologicamente (e, portanto, tecnicamente) para compreender as implicações de sua prática, reconstruí-la, efetivá-la e recriá-la no jogo das forças sociais presentes. (IAMAMOTO, 2008, p. 163).

De acordo com a autora, “a preparação para a profissão não pode ser confundida com a preparação para o emprego, devendo um projeto de curso articular dialeticamente as demandas reais àquelas potenciais, que vão contribuir para alterar o panorama profissional vigente” (IAMAMOTO, 2008, p. 164). Como o desenvolvimento da profissão está vinculado à história, como resultante das lutas de classes e das contradições inerentes ao capital, na cotidianidade profissional estão presentes interesses antagônicos que expressam a dinâmica da sociedade capitalista e o Assistente Social necessita de um posicionamento específico voltado para a defesa do seu projeto ético-político.

Por isso, é necessário reforçar que:

A formação profissional supõe um sólido suporte teórico-metodológico, necessário à reconstrução da prática e ao estabelecimento de estratégias de ação; supõe, ainda, a preparação no campo da investigação como um eixo privilegiado para o

aprimoramento da qualificação científica do Assistente Social e da produção teórica sobre questões pertinentes a seu campo de atuação e à realidade social mais ampla. (IAMAMOTO, 2008, p.164).

De acordo com Iamamoto, então, a pesquisa se caracteriza como um dos instrumentos fundamentais de articulação teórico-prática, para a concretização do projeto profissional. Nessa discussão, Forti e Guerra (2009) ressaltam:

A formação e a intervenção profissionais do Assistente Social estão marcadas pelos inúmeros dilemas da contemporaneidade. E isto evidencia o nível de complexidade que marca o Serviço Social e a consequente necessidade de competência dos seus profissionais para enfrentá-la. Diferentemente de exigências restritas ao padrão técnico-instrumental, o que o Assistente Social enfrenta nas duas esferas da vida profissional requerem ações abalizadas, intelectualmente responsáveis e fecundas, analíticas e críticas, capazes de lhe proporcionar compreensão suficiente para uma ação efetiva e qualificada na realidade social. (FORTI; GUERRA, 2009, p. 1).

Para isso, destaca-se a importância da compreensão dos dilemas contemporâneos que se manifestam diariamente nos espaços sócio-ocupacionais, para desenvolver ações qualificadas que ultrapassem o imediatismo e pragmatismo do cotidiano. Contribuindo com a discussão, as autoras destacam:

Nesse contexto, ao profissional que tencione atender aos requisitos do mercado de trabalho não se limitando a eles cabe uma sólida formação teórica (ético-política) e metodológica, ou seja, capacitação suficientemente qualificada em termos de conhecimentos teóricos e possibilidades interventivas. Assim, pretendemos destacar que, além da relevância teórica, cabem possibilidades práticas, pois, por melhor que seja formulada, a teoria, por si só, não é capaz de processar qualquer alteração na realidade concreta. Contudo, a prática como atividade efetiva que permita transformação na realidade natural ou social não é uma atividade qualquer, mas atividade que possibilita ao sujeito reflexão sobre sua ação e revelações sobre a realidade — que possibilita decifração das categorias e captação da legalidade dos fenômenos. É uma ação capaz de proporcionar conhecimentos, transformando e qualificando nossas ideias sobre as coisas, e de nos fornecer meios, caso tenhamos intenção de modificá-las. (FORTI; GUERRA, 2009, p. 2).

Nessa discussão, faz-se necessário ressaltar que a teoria não se distancia da prática como muitas vezes são delineadas expressões desse tipo. “A discussão profissional sobre uma questão e/ou pertinência de determinado procedimento não pode limitar-se ao universo do senso comum”. No âmbito profissional, “é essencial investir na problematização dos fenômenos, trazê-los para o campo da análise rigorosa, fecundamente crítica e prospectiva” (FORTI; GUERRA, 2009, p. 2-3). Portanto, é fundamental a unidade entre teoria e prática para um desenvolvimento teórico crítico para desvelar os fundamentos histórico-sociais que instituem a contradição da sociedade burguesa.

É essencial ter clareza de que estamos inseridos em uma categoria, Vida Cotidiana, que em seus traços já revelam grande automatismo e espontaneísmo. Abre-se um leque de

possibilidades pra compreender a ofensiva do conservadorismo no Serviço Social e o desenvolvimento de pensamentos conservadores nesta sociedade.

É nesse contexto que se coloca como fundamental o acesso e intensificação do conhecimento científico da vida cotidiana na formação e no exercício profissional, através de debates em disciplinas, discussões em fóruns, seminários, encontros e congressos na categoria do Serviço Social.

III Considerações Finais

A problemática da vida cotidiana contemporânea é aquela própria do capitalismo tardio, mediante as características das relações (automáticas, passivas) que o indivíduo enquanto tal é chamado a desenvolver na organização capitalista da vida social. De acordo com Netto,

Na idade avançada do monopólio, a organização capitalista da vida social preenche todos os espaços e penetra todos os interstícios da existência individual: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que permeia a totalidade da existência dos agentes sociais particulares - é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna *administrado* [...]. (NETTO, 1994, p. 86, grifo do autor).

O recurso à crítica da economia política marxiana possibilita o entendimento da imediatividade da vida social como processos peculiares ao modo de produção capitalista, (encontrando-se em forma de mercadorias) que dominam a totalidade da organização social e incorporam nas relações de produção e reprodução social por meio da divisão social do trabalho, subordinando todas as atividades, sejam produtivas ou improdutivas¹³.

Para uma crítica efetiva dessas tendências conservadoras no interior do Serviço Social, deve-se reforçar uma análise política que ultrapasse o mero pragmatismo vivido no cotidiano profissional, além da articulação fundamental entre teoria e prática, estabelecendo estratégias de ação no exercício profissional garantindo uma ação crítica e reflexiva.

Tais considerações remetem diretamente à responsabilidade do corpo docente, no sentido de assumir o ensino como um desafio permanente ao aprofundamento teórico-metodológico rigoroso. Esta é uma das condições para se avançar na superação das debilidades de ensino e das marcas de origem da profissão presentes na formação profissional incorporadas no bojo do Serviço Social 'tradicional' ou 'clássico'. (IAMAMOTO, 2008, p. 171).

¹³ A classificação das atividades como produtivas e improdutivas estão relacionadas ao trabalho concreto e trabalho abstrato, respectivamente. Desse modo, o trabalho concreto é um "trabalho que cria valor de uso" e o trabalho abstrato que lhe confere um "valor de troca". (NETTO; BRAZ, 2012, p.118).

Em suma, mediante as considerações da autora em relação às alternativas de superação da reatualização do conservadorismo, é fundamental que haja uma articulação entre a formação acadêmica e o exercício profissional. Esse parâmetro de formação profissional não se resume ao fazer profissional em sua cotidianidade; ao contrário, vai além deste, pois é necessário compreender a emergência do Serviço Social e o seu contexto de atuação, reconhecendo seus limites e possibilidades dentro da instituição e, assim, torna-se possível traçar estratégias de atuação de forma crítica numa perspectiva investigativa da realidade.

Mediante as concepções abordadas ao longo deste trabalho, sobre as determinações da vida cotidiana no fazer profissional, torna-se urgente a discussão sobre a intensificação desse conhecimento nos debates em Serviço Social, através dos espaços democráticos de construção de ideias e proposições, para que não gerem lacunas na formação e no exercício profissional, pois ir além de uma compreensão simplista da categoria Vida Cotidiana possibilita pensar estratégias de enfrentamento e resistência à ofensiva conservadora na profissão.

Referências

FORTI, V.; GUERRA, Y. Na prática a teoria é outra?. In: FORTI; GUERRA (Org.). **Serviço Social: Temas, Textos e Contextos**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

GUERRA, Y. A dimensão investigativa no exercício profissional. In: **Serviço Social: Direitos Sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS e ABEPSS, 2009.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

IAMAMOTO, M. V. Serviço Social na contradição capital/trabalho: concepção da dimensão política na prática profissional. In: ANAS. **Serviço Social: as respostas da categoria aos desafios conjunturais**. IV Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Congresso Chico Mendes. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

NETTO, J. P. Para a crítica da vida cotidiana. In: _____.; CARVALHO, M. C. B. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

NETTO, L. E. **O conservadorismo clássico: elementos de caracterização e crítica**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, I. L.; SANTOS, J. P. **Cotidianidade e ser social: Algumas reflexões sobre o Serviço Social**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Serviço Social. Maceió, 2007.